

RESENHA BIBLIOGRÁFICA *

BRACE (C. Loring). — *Os estágios da evolução humana*. Zahar Editôra. Rio de Janeiro. 1970.

Em 1970 a Editôra Zahar lançou uma nova série de livros denominada Curso de Antropologia Moderna, e foram editados 4 volumes: *Os Estágios da Evolução Humana*, *A Formação do Estado*, *Sociedades Tribais* e *Sociedades Camponesas*. Trata-se de uma série de publicações que foram editadas a partir de 1966 nos Estados Unidos na coleção *Foundation of Modern Anthropology Series* dirigida por Mashall D. Sahlins.

Estágios da Evolução Humana escrito por C. Loring Brace da Universidade de Michigan, no qual o Autor procurou sintetizar os resultados da Paleontologia Humana e dar ordem, dentro do pensamento científico ao problema da evolução humana; como êle diz:

“entre os assuntos que despertaram a curiosidade humana, bem poucos causaram um entusiasmo tão grande como o interesse do homem pelas suas origens” (p. 9).

Mas é necessário considerar estas especulações para que possamos compreender o processo em si, pois muitas descobertas ainda são recentes e a paixão que seus descobridores dão às mesmas, muitas vêzes prejudica a sistematização.

O Autor divide a obra em duas partes. A primeira: “A Descoberta das Provas” em que faz uma abordagem diacrônica com relação às descobertas paleoantropológicas, considerando 4 fases: 1). — antes de 1860; 2). — de 1860 a 1906; 3). — período de entre guerras e 4). — descobertas recentes. Na segunda parte êle procura interpretar as provas.

O Autor mostra duas tendências polarizantes com respeito à interpretação da evolução. Uma que seria a evolução lineal, na qual todos os fósseis homínidas conhecidos são colocados numa única seqüência, e a outra em que haveria evoluções divergentes, em que muitos fósseis homínidas conhecidos seriam “especializações” e portanto afastados da linha direta que leva ao homem moderno. O Autor é adpeto da primeira hipótese.

Quando Brace mostra o panorama do conhecimento do homem até 1860 vemos que o pensamento religioso estava ligado ao conhecimento, e era a fonte de que se alimentavam os estudiosos para explicar a origem do homem, como foi o caso, entre muitos, do Vice-Reitor da Universidade de Cambridge.

Em breves pinceladas o Autor destaca os estudos evolucionistas citando de modo particular Lamarck e Cuvier. Mostra ainda, como as poucas descobertas feitas neste período tiveram interpretações as mais contraditórias, como foi o do

(*). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas obras para a competente crítica bibliográfica. (*Nota da Redação*).

fóssil de Neandertal. Cita depois dois acontecimentos importantes que vão mudar a mentalidade e dão nova orientação aos estudos, como foi o parecer favorável da equipe de cientistas ingleses ao trabalho de Boucher de Perthes e a publicação em 1859 do livro de Darwin sobre *A Origem das Espécies*.

O segundo período tem como marco de referência o trabalho de Gustav Schwalbe, *Estudos sobre a Pré-História do Homem*. Neste capítulo o Autor relata os fatos que levaram à descoberta e as características do Cro-Magnon e do Pithecanthropus Erectus. Refere-se a assuntos já conhecidos que envolveram a figura de Dubois e as descobertas chinesas. No capítulo de entre guerras refere-se às descobertas na África-Taung; da Alemanha-Stenheim e Inglaterra-Swanscombe e ainda as de Java e China. Com relação às descobertas recentes refere-se às feitas na África a partir de 1947 em Makapansgat, Swartkrans e Krondraai realizadas por Dart, Broom e Robinson e a realizada em 1959 na Tanzânia pelo casal Leakey, e posteriormente as descobertas realizadas em 1962-1963 e 1964.

O Autor antes de fazer uma sistematização taxinômica dos fósseis, considerou os princípios evolutivos: seleção natural, mutação, oscilação genética, ortogênese e adaptação genética. Deve ser ressaltado as novas contribuições da genética no estudo da composição química da molécula, destacando o papel do DNA e das proteínas, ilustrando como os nucleotídeos em combinação com os aminoácidos podem provocar alterações moleculares. Com relação a ortogênese ele apenas o cita, para rejeitá-lo, mostrando que a evolução é oportunista e não pré-determinada, com fim previsto.

No aspecto referente à adaptação do homem ressalta o aspecto primordial da adaptação humana: a cultura. O homem não teve que se adaptar fisicamente às diferentes condições climáticas, criou um ambiente artificial para suplantar suas deficiências. Para a adaptação não bastava unicamente ter um cérebro maior, tinha que contar com a experiência. A transmissão de conhecimentos e experiências como só é possível com a linguagem, e como esta não deixa vestígios, já que só muito tardiamente o homem inventou caracteres para fixar suas idéias, a única maneira possível de se conhecer ou saber se um fóssil é homínida ou não consiste em identificar rústicas lâminas como produto cultural. Se se observa tradição na transmissão cultural, isto implica obviamente num processo de enculturação, portanto o indivíduo que confeccionou as rústicas lâminas, mesmo que tenha tido uma pequena capacidade craneana, mas como elaborou culturalmente objetos, pode ser denominado de "homem" estrito senso.

No 8º capítulo intitulado "A Cultura como Nicho Ecológico" o Autor considera a Ecologia como o

"estudo das formas de vida adotadas pelas espécies" (p. 74).

Ao conjunto das respostas elaboradas por uma espécie, denomina de nicho ecológico, e como no homem a maneira de viver está condicionada à cultura, daí ele denominar de nicho ecológico cultural. Ainda o Autor elabora um quadro da Pré-História correlacionando cronologia, períodos geológicos, glaciações e estágios

culturais. Com relação aos estágios culturais os descreve linearmente sem fazer referência ao aspecto espacial. Considera as seguintes fases culturais: oldovaniiana, abeviliana, acheuliana, musteriana, paleolítico superior, neolítico e era atômica. Com relação às glaciações não faz referência à 1ª descoberta a partir de 1930, que é a de Donau (p. 71).

Nos quatro capítulos que seguem, o autor considera separadamente os estágios Australopithecídeo, Pithecantrópico, Neandertalense e Moderno. Com relação ao estágio Australopithecídeo levanta a questão da classificação do gênero Australopithecídeo a partir do princípio de que a cultura que denota este fóssil o coloca no gênero Homo, trazendo de volta portanto a tentativa realizada por Mary. Brace aceita a dualidade estabelecida por Robinson, ou seja de considerar uma fase Australopithecüs e outra do Paranthropus. No grupo Australopithecus inclui os fósseis de Taung, Sterkfontein, Makapansgat e da Garganta do Olduvai (pré-Zing). No grupo do Paranthropus coloca os fósseis descobertos no Transvaal, o Meganthropus de Java e o Zinjanthropus de Olduvai. O Autor coloca estas duas fases numa seqüência evolutiva, em que considera o Australopithecus anterior ao Paranthropus. O problema encontrado pelo Autor é com respeito a datação que acredita ser a diferença de técnica empregada a causa da divergência. Para Brace, então, os Australopithecídeos seriam os ascendentes diretos de todos os homínidas, incluindo no gênero Homo e da espécie que denominou de Africanus.

O estágio Pithecantrópico está datado em 500.000 anos, portanto há um lapso de tempo de 1.250.000 anos que os separam da fase Paranthropus. O estágio Pithecantrópico compreende as descobertas de fósseis realizadas em Chou-Kou-Tien, as de Dubois e Koenigswald em Java. Dêstes fósseis o mais antigo seria o de Modjokerto, pois foi datado como pertencente ao Pleistoceno Inferior, camada Djetis. Este estágio coloca-se num grau mais evoluído, a capacidade craneana por exemplo apresenta o dôbro dos Australopithecídeos, pois agora a média é 1.000 cc, a saliência supra-orbital permanece, mas os molares já apresentam redução apreciável. Estes Pithecantrópicoes, principalmente o descoberto em Chou-Kou-Tien estão associados a cinzas, entretanto, esta prova cultural de sua utilização não pode ser provada. O Autor faz considerações sobre a importância do fogo na vida do homem. Com relação a classificação taxinômica dos Pithecantrópicoes não há para este grupo de fósseis tantas controvérsias como para os Australopithecídeos. Assim Brace o coloca no gênero Homo, espécie Erectus. Quanto a distribuição espacial dos fósseis deste grupo não estão mais restritos apenas a China e Java, mas inclui descobertas realizadas na África (Rabat, Tenerife, Garganta do Olduvai), Alemanha e Hungria.

Antes de iniciar a análise do estágio Neandertalense o Autor faz referência a três fósseis: o de Stenheim, o de Swanscombe e Fontéchevade. Três fósseis que têm sido alvo de muita atenção, principalmente por parte daqueles que não aceitam ter como ancestral o Neandertal. Brace aceitando os Pithecantrópicoes como um estágio da evolução humana considera o Neandertal mais um degrau para o aparecimento do homem moderno.

Com relação ao Neandertal êle mostra que do pescoço para baixo a única diferença

“reside no aspecto mais primitivo das juntas e músculos daquele, no entretanto do pescoço para cima, a dentição é pithecantropídea, no entretanto a caixa craneana é moderna” (p. 112).

Faz depois referências à cultura musteriense à qual o Neandertal está associado. Através de explanação e mapa mostra a distribuição geográfica dos fósseis Neandertalensis encontrados na França, Espanha, Bélgica, Itália, África, Palestina, Iraque, Rússia, China e Java.

No capítulo do estágio moderno o Autor refere-se aos fósseis neandertaloides, ou seja fósseis intermediários entre o Neandertal e o moderno encontrados em Skhul (Palestina), Rhunda (Alemanha) e Floisbad (África do Sul). Emerge finalmente o Cro-Magnom, Chancelade, Grimaldi que são raças, mas representantes modernos do Paleolítico Superior. Faz ainda menção à variedade cultural que surge com o homem moderno.

Êste livro vem preencher uma lacuna na bibliografia em português no que se refere aos estudos de Paleontologia Humana. A maioria das publicações são antigas e incompletas devido a que as técnicas modernas de manipulação, análise e datação dos fósseis têm provocado uma revisão no conhecimento e também porque dia a dia as descobertas se acumulam e há necessidade de se ter informação científica dos mesmos. O mérito da obra de Brace reside principalmente em ter arquitetado a sistematização paleontológica partindo da teoria do evolucionismo lineal. Não se limitou a transcrever opiniões e informações de outros autores, como freqüentemente acontece. A base teórica supra relaciona as questões fundamentais da cronologia com a cultura e os fósseis, demonstrando de forma conclusiva a existência de uma evolução paralela entre os elementos culturais e biológicos.

MARIA SALETTE ZULZKE TRUJILLO

* *
*

PINSKY (Jaime). — *100 Textos de História Antiga*. Hucitec. São Paulo. 1972. 155 pp.

O presente volume vem preencher uma lacuna que há muito se fazia sentir entre nós no campo do ensino da História.

Obras como essa eram há muito tempo reclamadas, pois todos nós, professores, sentíamos a falta de um volume de textos que servisse para mostrar aos nossos alunos que a História se faz com documentos e que ela é somente válida se apoiada em fatos que devem ser comprovados ou interpretados à luz dos nossos atuais conhecimentos.